mocidade
portuguesa
feminina

Sumário

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

BOLETIM MENSAL — Assinatura ao ano 12$00 — Avulso 1$00

Foto: LUCÍLIA DA CUNH

Foto: JOSÉ RODRIGUES DE CARVALHO

Na encruzilhada

No final de um ano lectivo, sobretudo quando se pensa deixar para sempre a escola, logo se levantam os mil e um problemas do futuro.

Vós e as vossas famílias interrogais-vos e interrogais tudo e toda a gente. Compreende-se. Mas nem sempre esta preocupação é recta, nem sempre se procura o que deve ser, o que mais está indicado: — o que Deus quere.

Tateiam-se interesses materiais ou de ocasião; farejam-se rendimentos, ou situações lucrativas... São tão poucos, mesmo a começar pelos pais, os que, antes de mais, procuram acima de tudo, a realização de uma vocação, o caminho providencial desde sempre indicado por Deus!...

E os desastres que estas soluções intempestivas ou imprudentes trazem, mais tarde, à vida!...

E' este um dos problemas maiores das férias de verão. E' o teu?...

*

* *

Proas ao mar...

Vejo-vos por esse mundo fora, o diploma do 3.º... do 6.º... do 7.º ano... debaixo do braço — voltadas ao futuro, ás vezes entre timidas e atrevidas, sofrendo mesmo com a escolha da carreira, a profissão que devereis seguir.

Proas ao mar...

Senhor, que quereis que eu faça?...

Não fôra a triste necessidade dos tempos presentes: que tambem a mulher tem de ganhar o pão em profissões que a obrigam a abandonar o lar — e logo eu vos saberia responder.

Antes de mais: sêde mulheres; ficai sempre mulheres. A vossa primeira vocação: é a vocação de... mulher. A vossa melhor carreira: a eminente *carreira* de... mãe, mãe dos filhos próprios, ou dos filhos dos outros, isto é: sempre no desempenho da nobilíssima tarefa da maternidade física ou espiritual.

Daqui não há que sair, mesmo quando a vida obriga a trilhar por outras veredas.

E isto haveis sempre de reclamar.

*

* *

Proas ao mar...

Daqui vos espreito voltadas à vida... ao futuro...

Se não precisas de todo de ganhar a vida, não abandones a casa. Prepara-te longa e demoradamente (e todo o tempo é pouco...), sob os olhares de Deus, **querendo** sempre o que Ele quere, **consultando-O** muitas vezes — e saberás, e encontrarás o caminho.

Desatinadamente, loucamente andam tantas de vós e os vossos pais, pretendendo aos desóito anos, ou menos ou mais, arrumar e resolver o futuro, geralmente pela primeira oportunidade que se oferece a uma esquina da vida...

Nem a alma nem o corpo preparados; sem desenvolvimento da inteligência e do coração e da vontade; sem hábitos adquiridos; sem aquisição de certas e indispensaveis virtudes; sem preparação competente para a vida caseira; sem o sentido das realidades lindas mas tremendas da vida séria a que Deus nos predestinou — assim se vai, as mãos vasias, o coração vasio, a alma vasia...

Não tenhais pressa, mesmo que todas as vossas companheiras se tenham já resolvido, mesmo que as vossas mães se mostrem inquietas...

Devagar. Sêde severas convosco mesmas. Exigi-vos o máximo, para poderdes render ao máximo.

*

* *

Proas ao mar...

Como pobres borboletas, atirais-vos à luz que vos encanta, sem vos lembrardes que a chama queima...

Quantas não voltais, tempos depois, as asas queimadas — sem asas... Vidas quebradas. Vidas queimadas.

Proas ao mar...

Ora reflecti bem nas embarcações que esperam a hora da abalada e da faina.

Bem as toca a água do mar largo a desafiá-las, a tentá-las: *vamos!...*

Noite e dia, *serenamente*, como quem sabe esperar a sua hora;

...*reflectidamente*, como quem resa a Deus inspiração e graça;

...*corajosamente*, como quem não vai á primeira, nem à segunda, mas espera a hora de Deus;

...as embarcações — *proas ao mar* — entre as águas, e a terra, e o céu, velam e oram e esperam e preparam-se...

Proas ao mar...

Quando chega a *grande hora* lá se atiram à faina, e é vê-las na labuta a cumprirem, **como** Deus quere, **o** que Deus quere.

*

* *

Senhor, que quereis Vós que eu faça?...

Vá de pôr a alma toda em oração e em silêncio — sem pressas.

Proas ao mar...

Senhor! — **quando?..., onde?..., como?...**

Proas ao mar...

E o Senhor responde: **espera!**

Olha aí os passarinhos: falta-lhes alguma coisa?

Olha aí os lirios: quem os vestiu assim?

Olha aí as águas e as pedras das montanhas e as pedras dos caminhos: — esqueci-as?

A minha hora... Espera!

G. A.

Conheces a tua terra?

Então, manda-nos dizer em que regiões portuguesas se usa cada um destes trajes e a que dioceses pertencem estas Sés.

Se acertares tudo e acompanhares a resposta com a descrição de qualquer costume popular ou lenda, etc. que mereça ser publicada no nosso Boletim, ganharás um livro como prémio.

MONUMENTOS E TRAJES DE PORTUGAL

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18

NOTICIAS DA M. P. F.

Comemorações do Tricentenário da Padroeira de Portugal

COMO é de conhecimento de todas as Filiadas, passa este ano o 3.º centenário da aclamação de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal.

Comemorando esta data, motivo de fé, de confiança e de alegria para todos os portugueses, vai renovar-se em Vila Viçosa no próximo mês de Outubro, a cerimónia realizada em 1646 por D. João IV.

Como então, em que estiveram reunidos em Côrtes os tres Estados do Reino, tambem agora toda a nação portuguesa se reunirá para confirmar o que há três séculos foi afirmado e prometido: que a Virgem Maria Mãe de Deus, particularmente honrada na sua Imaculada Conceição, é a Senhora de Portugal, e que todos nós, portugueses, nos reconhecemos seus vassalos e tributários.

Satisfazendo o compromisso de D. João IV, os Prelados de Portugal pagarão o censo a que ficámos obrigados em sinal de tributo e vassalagem.

E nesse momento, aos pés do altar da Virgem Imaculada acender-se-ão velas representativas de todos os Centros da Mocidade Portuguesa Feminina: mais de 700 velas, oferecidas pelas Filiadas, para que verdadeiramente essas velas simbolizem o coração da M. P. F.

Que lindo modo de estar *presente*, para quem lá não possa ir!

Velas brancas, brancas como a Mocidade que simbolizam, cuja luz espiritual brilhará mais ainda do que a luz natural que irradiam.

Velas brancas, a consumir-se — vidas que se querem dar, gastar por Deus e pela Pátria.

Lá iremos a Vila Viçosa, as que pudermos, rodear de joelhos o canteiro de flores de luz que o nosso amor acenderá aos pés da Padroeira, e de perto ou de longe, nesse dia cada filiada da M. P. F. será uma vela a arder, consagrando-se a Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal.

Bolsas de Estudo Universitárias

A *Mocidade Portuguesa Feminina* sempre preocupada com o bem das suas filiadas, cujo futuro muito lhe interessa tanto na sua preparação moral como profissional, e desejosa de compensar a dedicação e bons serviços daquelas que se distinguem dentro da Organização, obteve de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional aprovação para a proposta do Comissariado Nacional, relativo à criação de Bolsas de Estudo destinadas às filiadas que, tendo prestado serviços à Organização, se vejam impedidas, por falta de recursos, de frequentar qualquer dos cursos seguintes: Curso Superior, Escola de Belas Artes, Conservatório Nacional de Música, Escola do Magistério Primário.

Estas Bolsas, não acumuláveis com qualquer outra Bolsa oficial, são de 2 tipos:

Tipo A — Instalação gratuita numa casa da Mocidade e pagamento das propinas do Curso, se não tiverem obtido isenção oficial.

Tipo B — Pagamento de propinas do Curso que frequentarem nas mesmas condições do tipo A.

São condições para a concessão destas Bolsas:

1.º — Ter, pelo menos, 14 valores, no exame que dá acesso ao Curso e manter essa classificação durante todo o Curso;

2.º — Possuir boa formação moral e ter comprovado, por si e pela familia, integração no espirito da Organização;

3.º — Ter comprovada falta de recursos.

Normalmente a Bolsa começará a ser usufruida no principio do Curso e manter-se-á até conclusão do mesmo, enquanto se verificarem as condições citadas.

Será motivo para a suspensão da Bolsa a má conduta da filiada ou manifesto desinterêsse pela Organização.

Dar-se-á preferência para a concessão das Bolsas às filiadas que possuirem o Curso de Graduadas.

Só podem concorrer às Bolsas do tipo A as filiadas residentes em localidades onde não existe o Curso que querem frequentar.

A's Bolsas do tipo B só podem concorrer as filiadas de Lisboa, Porto e Coimbra para a frequência dos Cursos nas respectivas cidades.

Congratulemo-nos pela criação destas Bolsas de estudo para Cursos superiores que são mais uma valiosa modalidade de assistência a enriquecer a Organização, e para muitas raparigas será caminho aberto na vida que lhes fará abençoar a hora em que entraram na M. P. F., grande familia onde sèiiamente se pensa na sua felicidade.

Um pedido

O Rev. Capelão da Cadeia de Monsanto, senhor P.ᵉ Luis Filipe Gonçalves pede-nos para fazermos chegar, através do nosso Boletim, um apelo às Filiadas da M. P. F., rogando-lhes a caridade de oferecerem alguns livros para a Biblioteca que se está organizando naquela cadeia.

Nem a todos é possivel exercer a obra da misericórdia de *visitar os encarcerados*. Mas todos podemos levar aos pobres reclusos um pouco de distração para aligeirar o peso da sua pena, que embora aplicada com justiça, nem porisso deixa de merecer compaixão. E todos podemos concorrer para a sua regeneração, facultando-lhes boas leituras que poderão ser o meio de que a Providência determinou servir-se para os fazer chegar ao conhecimento de Deus e do bem.

Acedendo ao pedido de Rev. Capelão da Cadeia do Monsanto, procuremos na nossa estante alguns livros recreativos ou instrutivos que possam servir para este fim. Leitura simples e agradável, que faça esquecer durante alguns momentos a dureza da sua situação aos presos, ou que iluminando-os e confortando-os prepare o caminho para a graça de Deus.

Consolação, bondade, fé, esperança, amor do trabalho e do dever: é isto que devemos procurar levar-lhes.

Os livros devem ser enviados directamente para o Comissariado Nacional, Praça Marquês de Pombal, 8, Lisboa, e a lista dos livros oferecidos com o nome das oferentes será publicado no Boletim.

LISBOA:

Tem sido interessante o Apostolado que o Centro 72 da M. P. F. vem exercendo na Escola Industrial de Fonseca Benevides.

O ano passado na Comunhâo Pascal comungaram cerca de sessenta filiadas; este ano, no dia 25 de Maio, na Igreja de Santos-o-Velho, o número elevou-se a mais de cento e cincoenta, pois a Directora de Centro, não se poupando a esforços, estendeu a sua acção às não filiadas e até mesmo à secção masculina, e assim, pedindo o auxilio do professor de Moral, Ex.ᵐᵒ Sr. Dr. José Augusto da Silva, este desenvolveu activamente as suas funções, conseguindo não só alunos do curso diurno como também no nocturno que, entusiasmados, compareceram no dia 25, sábado, e os que não puderam, devido ao trabalho oficinais, alegremente comungaram no dia 26, domingo, carinhosamente acompanhados por estes dois professores.

Foram tambem baptisados uma aluna e um aluno do curso diurno. Apadrinharam o acto a professora, Senhora D. Dídia Eugénia Mesquita Jorge, Directora do Centro da Mocidade Feminina, e o Professor de Moral.

Centro n.º 72 — Escola Industrial de Fonseca Benevides — Filiadas que tomaram parte na comunhão pascal

Acompanharam este acto algumas professoras da Escola.

Na Cantina foi servida um pequeno almoço a todos os presentes.

Em Fevereiro, também foi baptisado um aluno, de dezanove anos de idade, do curso nocturno. Foram padrinhos o Ex.ᵐᵒ Coronel António Baptista de Carvalho, Dig.ᵐᵒ Director da Escola, e a Directora do Centro da «Mocidade Feminina».

Na gravura vê-se sòmente o grupo das filiadas da M. P. F.

Foi catequista a Senhora D. Ema Osório.

Da peça «Nem oito nem oitenta»

ESPINHO:

Centro n.º 1 — Colégio de Nossa Senhora da Conceição. Está encerrada por êste ano a actividade da Mocidade Portuguesa Feminina. É com profunda saudade que recordo tudo o que se fez, bem pouco é certo, mas nele pusemos toda a nossa boa vontade e amor.

Dezembro! Fizemos no dia 1 uma festazinha, na qual representamos a peça «Restauração». O amor da Pátria vibrava em todas as almas, naquelas que representavam e naquelas que assistiam. Falou a nossa Sub-Delegada, receberam insignias as graduadas e terminou num — Viva a Portugal — bem do coração.

(Da peça «Restauração»)

8 de Dezembro! O grupo coral do nosso Centro cantou a missa de festa na Igreja Paroquial.

15 de Dezembro! O grupo coral do nosso Centro cantou a missa de festa na Igreja Paroquial.

15 de Dezembro! Exposição de berços e enxovais entre profusão de camélias. Estava linda a nossa exposição! No meio uma grande árvore do Natal com brinquedos e doces que nós distribuimos às mãos cheias pelos pobrezinhos pequeninos. As mães receberam os berços e os enxovais. Mães pobresinhas, que tiveram tantos sorrisos para nós!... No salão de festas fizemos a nossa primeira Embaixada de Alegria. Foi para êsses pobresinhos que nós representámos o «Auto do Natal». Pastores, presépio, uma revoada de anjos num côro harmonioso, os acordes do orgão, os pobresinhos juntos de nós, tudo nos fazia lembrar o Céu!

Depois, pelo ano adiante, as nossas reuniões de trabalho, de estudo, de divertimentos!...

E com saudades que recordamos tudo e todas nós, filiadas dêste Centro, estamos animadas a fazer no próximo ano mais e melhor.

Uma filiada

(Da peça «Restauração»)

Auto do Natal

SANTA MARTA

A MAIS PRIVILEGIADA DAS HOSPEDEIRAS

"HOSPEDEIRA DO SENHOR", assim ficou para sempre denominada aquela que na sua casa de Betania tantas vezes recebeu Jesus.

Uma dessas visitas encontra-se descrita no Evangelho, numa passagem muito conhecida: *«Entrou Jesus em um castelo onde uma mulher, chamada Marta, O recebeu em sua casa. Tinha esta mulher uma irmã, de nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor, escutando as suas palavras. Porem Marta estava muito atarefada a preparar tudo quanto era necessário. Então esta veio estar com Jesus, dizendo-lhe: «Não reparais que minha irmã me deixa só a servir? Dizei-lhe, pois, que venha ajudar-me.» E o Senhor, respondendo, disse: «Marta, Marta, inquietai-vos e embaraçai-vos cuidando solicitamente de muitas coisas, quando, na verdade, só uma é necessária. Maria escolheu a melhor parte, a qual não lhe será tirada».* (Lucas X-38-42).

Os comentadores sagrados interpretam esta página do Evangelho no sentido espiritual da vida activa e da vida contemplativa, e esta é superior.

Mas não é a interpretação religiosa da cena evangélica que hoje nos interessa; é o seu aspecto familiar.

Marta aparece-nos como uma dona de casa azafamada e cuidadosa, preocupada em receber o Divino Mestre o melhor que pode.

Mas os seus cuidados, apesar de materiais, são tambem amor. E' para que nada falte a Jesus que ela anda tão atarefada, é para lhe dar gôsto que ela se preocupa.

Nas suas mãos activas Marta traz o coração. Um dia, quando tendo subido ao céu o Senhor já não precisar dos seus serviços, tambem ela saberá estar com Ele na oração.

Esta passagem do Evangelho tem inspirado muitos artistas, de todas as épocas.

Citemos alguns: Burgkmair, Giovanni da Milano, Le Sueur, Jouvenet, Minet de Lestrin, Vieu, Jan Steen, Steenwyk, Rembrandt, Bronzino, Tissot, Siemiradzki, Tintoret, Jordaens, Wermeer, etc.

E' curioso observar como estes pintores interpretam de modo diferente a actividade de Marta e as suas palavras.

No quadro de Giovanni da Milano, por exemplo, a sua repressão é de censura, apontando o lume, onde naturalmente precisava da ajuda de Maria...

Tintoret, decerto baseando-se em que o Evangelho chama, «castelo» à casa de Marta, apresenta-nos as duas irmãs ricamente vestidas e é a Maria que Marta se dirige para que vá ajudá-la. Pela porta aberta avistam se no jardim os discipulos. Na verdade, sendo tantos os convivas, devia haver muito que fazer! E só se vê uma criada, lá ao fundo...

Jordaens tambem nos dá um interior rico, mas, aqui, o sorriso de Marta, apontando a irmã, atenua as palavras de queixa; é como se dissesse: «Vêde, Senhor, ela aí toda regalada! Eu não posso, mas bem gostaria tambem de estar a fazer--vos companhia»...

A sua expressão não é de mau humor, é afectuosa.

Wermeer dá-nos um grupo delicioso dos três. Marta, que traz um cesto, não parece vir censurar, mas aproveitar uns momentos para ouvir tambem o Divino Mestre.

Outros artistas, inspirando-se na passagem de S. João (XII-2) em que se diz que «numa refeição em casa de Sinão, o Leproso, «Marta servia», representam esta servindo à mesa.

Lucas Moser mostra-nos Marta com a saia arregaçada, para se poder mexer com mais desembaraço, a colocar sobre a mesa um prato.

Maria, mais uma vez aos pés de Jesus, derrama sobre eles perfume e limpa-os com os seus próprios cabelos.

A mesma cena se repete numa gravu-

ra em madeira de Urs Graf. Mas, aqui, a refeição está sendo tomada ao ar livre, vendo-se ao fundo interessantes casas da Idade Média.

Esta refeição em casa de Simão, servida por Marta, encontra-se ainda figurada em miniaturas do século X, em baixos relevos do século XII, etc.

Como vêem, o tema agradou e tornou--se popular.

Embora Maria tivesse escolhido a melhor parte, Marta não deixa de merecer simpatia.

Se tambem ela se fosse sentar aos pés do Senhor, quem cumpriria as leis da hospitalidade?!

A atitude das duas irmãs completa-se para bem receber.

Alguém havia de fazer companhia ao Divino Hóspede.

Dir-se-ia que Ele tinha sido bem recebido se O deixassem sòzinho, absorvidas ambas nos preparativos da refeição? E se as duas irmãs tivessem ido sentar-se aos pés de Jesus, abandonando o trabalho, e chegada a hora da refeição nada houvesse para oferecer ao Senhor cansado da caminhada e da prègação, poderia Betania ser considerada uma casa hospitaleira?

Afinal, está bem assim, e a casa de Betania deve servir-nos de modêlo para bem recebermos os nossos hóspedes.

Em férias é frequente termos hóspedes, uns de passagem, outros com mais permanência.

Mas não basta abrirmos amavelmente as portas de nossa casa aos parentes e amigos: é preciso recebê-los bem.

E *recebê-los bem* será fazer-lhes afectuosa companhia, como Maria, e como Marta cuidar de tudo para que nada lhes falte.

Temos de ser Marta e Maria *numa só pessoa*.

Com boa vontade, consegui-lo-êmos, porque para os nossos hóspedes sentirem a nossa amizade e contentamento por tê-los nossa companhia, não é necessário estarmos agarradas a eles durante todo o dia: devemos deixar-lhes até uma certa liberdade para estarem isolados, se lhes apetece descansar, ler, ou fazer a sua correspondência.

Uma companhia permanente, sobretudo se obriga a uma conversa constante, cansa.

Não devemos tambem ocupar-nos tão activamente dos serviços caseiros que dêmos aos nossos hóspedes a impressão de que a sua visita nos incomoda, impondo-nos um excesso de trabalho.

Mais vale recebê-los com simplicidade, no ar tranquilo de quem mantem a vida habitual.

As leis de hospitalidade antiga criavam entre o dono da casa e o hóspede laços iguais aos do sangue.

É neste espirito de familariedade que está a arte de bem receber.

Rodear de cuidados e procurar ser agradável, proporcionando todo o bem estar e prazeres que nos for possivel, mas, sobretudo, fazer com que os nossos hóspedes se sintam num ambiente de confiança e sincera cordealidade.

Maria Joana Mendes Leal

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO — Desenhos de GUIDA OTTOLINI

CHA DA COSTURA

— Oh Clara, tu que és a *sensatez* personificada — começou Joana naquela tarde de Setembro — vais dar-me umas certas explicações:

— E's sempre cheia de imprevisto, Jana: diz o que te apetece dizer.

— Cem por cento diferente do que dizem os outros, é claro — comentou Rita.

— Talvez — tornou Joana. — E' o seguinte: não faltam prègações sobre a fraternidade, a soberba, a humildade...

— Etc., etc. — meteu Maria José.

— E, — continuou Joana — parece-me haver, milhentas vezes, contradições colossais.

— ??

— Sim, minha rica, é o que te digo. Assim, prègam a fraternidade cristã, não é? mas nós exigimos que as criadas, por exemplo, nos tratem como seus superiores: e consideramo-las de classe inferior à nossa...

— E' evidente que são! — gritou Alice.

— *São* não, Alice; *estão*: há uma pequena diferença — observou Clara. — Embora tenhamos de ter em conta a hereditariedade de qualidades especiais, que nos vêm de trás, é claro...

— Que dizes, Clara?! Não percebo — tornou Joana.

— Não confundas, Jana, a disciplina social, a relativa separação das classes — continuou Clara — com a igualdade sob o ponto de vista espiritual. Essa é absoluta! Nas *almas*, somos iguais. Desde que as criadas pertencem a uma classe caracterisada cujo fim é: fazer um certo número de serviços remunerados, têm de manter para com os patrões as regras da disciplina; regras essas que estão estabelecidas há muito tempo e fazem parte das suas obrigações.

— Mas — cortou Joana — a verdadeira fraternidade cristã não deveria ser juntar com elas à mesma mesa, estender-lhes a mão, passear com elas, etc., etc.?

— Não, Jana, nada disso. Se, por um acaso da vida, a criada enriquecer, ou casar com pessoa de outro meio, ou, enfim, *sair da classe em que está para outra superior*, deixará, claro, de ter estes deveres: cada classe social tem a *sua disciplina*, que em nada deve ser humilhante!

— Não percebo isso bem, Clara... — disse Rita.

— Oh filhas, como tudo é simples! — tornou Clara — Então no regimento, por exemplo: o sargento não se levanta perante o alferes? O alferes perante o tenente? O tenente perante o capitão? Etc., etc., etc.?

— Tens toda a razão! — exclamou Maria José.

— E oiçam bem, queridas: se, por qualquer circunstância, uma *senhora* se vir obrigada a sair da sua classe, terá, evidentemente, de cumprir aqueles deveres de disciplina inerentes à classe em que entrou, percebem?

— E' tudo uma questão de disciplina, dizes bem — comentou Alice — sem humilhações, nem rebaixamentos, nada disso!

— E toda a fraternidade cristã, Jana, toda a igualdade espiritual, moral, caritativa, se pode, e *se deve*, praticar ao máximo. Percebes bem o caso?

Joana murmurou pensativa:

— Talvez...

— Ouve, Jana — concluiu Clara — tratemos as nossas criadas com a maior caridade, com paciencia, com carinho, até deixando-as, no entanto, cumprir *sempre* os deveres de disciplina que lhes competem, percebes?

— Sim, sim, compreendo a tua ideia. E quando penso que já não teremos senão uma destas nossas reuniões, Clara...

— Quem nos dará estas explicações tão interessantes, Clarinha, agora que tu te vais embora?

— Oh filhas, o Porto não é o fim do mundo! — respondeu Clara. — E quem sabe se depois de Fevereiro teremos outra vez os nossos *chás*?

CONVERSAS

II

O almoço daquele dia estava a cargo de Angélica que, com uma calma inalteravel, de tudo se ocupara desde manhã cedo.

— Haverá só dois pratos; mas bons, — declarou ela às irmãs.

— E o assunto das conversas está escolhido? — perguntou Alexandra.

— O Pai só o diz à própria hora, sabem vocês? — disse Berta, a rir — para não irmos preparar-nos com livros e dicionários.

— Era desleal para com as outras, já se vê.

— Palpita-me que é sobre História outra vez — disse Angélica, indo acabar o arranjo da mesa.

E quando se encontraram todas na casa de jantar, deante duma apetitosa canja, bem dourada e bem portuguesa, o dr. Menezes Pinto declarou:

— Minhas meninas, as nossas conversas hoje serão especialmente elevadas: tratarão da *liturgia católica!*

— Oh Pai! — exclamaram vozes pouco entusiasmadas.

— Vamos ficar mudas como peixes — gemeu uma das convidadas.

— Mas quem sabe alguma coisa sobre liturgia? — perguntou Maria da Luz.

— E' muito interessante o assunto — disse Mademoiselle Sixte.

— Começo por perguntar simplesmente: — tornou o Dr. M. Pinto — alguma das meninas sabe a significação da palavra *liturgia?*

— Até ai ainda chego, Pai — respondeu Angélica — e é bem simples a resposta: liturgia quer dizer *actos religiosos públicos*, não é?

— Tal qual — respondeu o pai. — E como é interessante para todas as católicas conhecer bem a liturgia da sua religião! Não lhes parece?

— Deixa-nos primeiro saborear a canja, Paisinho — lembrou Berta.

— Que temos para o almoço, Angélica? — perguntou Mademoiselle Sixte.

— Tudo o que há de mais simples, como simples está o arranjo desta mesa; não gostam? — e Angélica apontava o centro baixo, de vidro, cheio da congossa azul que apanhara na encosta da serra — Alem da velha canja dos tempos antigos...—

— E que boa que está! — declarou Júlia.

— ...temos um cosido de galinha à estrangeira: quer dizer, a galinha desossada, rodeada de puré de batata e «croûtons», com um môlho grosso feito com o próprio caldo.

— Deve ser estupendo! - disse Carmo.

— Sabem vocês — perguntou o Dr. Menezes Pinto, quando se tiraram os pratos da sopa — em que altura da missa começa a parte mais importante do Santo Sacrificio? Falemos da liturgia da *missa*.

— A primeira parte da missa — respondeu Maria do Rosário — é a *preparação:* rezas aos pés do altar, Introito, os Kyries...

— A Glória...

— E quando, meninas, é que se entoou a Glória pela primeira vez no mundo? (desculpem este parentese).

— Em Belem, Paisinho: cantaram-no os anjos quando Jesus nasceu! — exclamou Berta.

— Depois da preparação vêm as *orações e leituras* — acudiu Alexandra — a Epistola, o Evangelho...

— E a recitação do Credo, afirmando bem as verdades que devemos crer — continuou Angelica.

— Começa, então, depois do Credo, a parte mais importante da missa: o *Ofertório*, a *Consagração*, a *Comunhão* — disse Maria do Rosário.

— Nos tempos dos primeiros cristãos — explicou o pai — os neófitos, que ainda não tinham a instrução suficiente, até saiam depois do Credo; não assistiam senão à primeira parte do Santo Sacrificio.

— Como é belo tudo isto... — murmurou Mademoiselle Sixte — e é tão consolador ser-se cristão!

— Mas continuem, meninas; vejo que não estão *em branco*, como dizem os estudantes, neste interessantissimo assunto

— Ah eu... — murmurou Carmo desconsolada.

— Coitada de ti, Carmo: não aprendes nada?! — perguntou Berta.

— Ela cose lindamente e faz bolos — declarou Júlia, que era prima de Carmo — mas lá para letras...

— Vai ouvindo, Carminho, verás que gostas e aprendes — disse o pai, bondosamente.

— Depois do *Ofertório*, da *Consagração* e da *Comunhão*, que são a própria *essência*, por assim dizer, do Santo Sacrifício, em que mais consiste a liturgia da missa, sabem?

Durante um momento nenhuma respondeu. Depois Berta exclamou:

— Meu Deus, como é simples de responder: Acções de graças, mais nada!

— Eu, durante a missa o que faço é rezar o terço — disse Carmo, com um ar digno.

— Pois melhor fôra que *acompanhasses* e procurasses entender toda a missa, Carmo. Eu vou-te escrever tudo explicadinho num papel — disse Alexandra.

E, quando acabou o almoço, Alexandra entregou à ignorante Carmo o resumo seguinte, que leu alto:

— Rezas aos pés do altar.
— Introito.
— Kyries.
— Glória.
— Orações, Epístola, Evangelho, Credo.

— Repara, Carmo, que é agora que vai começar a parte principal da Missa — observou Angélica.

Alexandra, continuou:

— Ofertório: Oblação da Hóstia, Bênção da água, Oblação do Calix e Lavabo.

— Eu explico-te depois tudo isso, Carmo — disse Angélica.

— Não basta indicar o nome das cerimónias, Xandra; o principal é o *sentido* delas — observou o pai.

— A seguir ao *Prefácio* e ao *Sanctus*, começa o *Canon*, das mais antigas rezas da Igreja, onde se pede pela sua unidade, pelo Papa...

O pai observou:

— E o Canon abrange a *essência*, do Santo Sacrifício: a *Consagração* e a *Comunhão*.

— Depois da Comunhão há só *Acções de graças* — concluiu Berta.

— Tenho a minha cabeça cheia de confusão — murmurou Carmo, desconsolada.

— Mas quando compreenderes tudo clarinho como água, verás tu como é interessante seguir e acompanhar o Santo Sacrifício — disse Angélica, abraçando-a.

GENTE NOVA

Já mais um ano passara.

Francisca Teresa guiando, com perícia, o seu pequeno Buick, apeara-se com Cecília à entrada da Gare Marítima de Alcântara; e esperavam a chegada do Niassa *que devia trazer, de África, Domingas, já casada, e Rodrigo.*

Uma verdadeira multidão se acotovelava nas esplanadas e já o Niassa se avistava ao longe na bruma matutina do Tejo.

— Tomara vê-los aqui, Cecília! é tão enervante esta espera... — disse Francisca Teresa.

— Tínhamos tempo de ir a casa almoçar; não será melhor?

— Olha, ali vem a mãe da Domingas com a Chucha e um desconhecido; quem será?

Cecília explicou:

— Não sabias que a Chucha vai casar? É um negociante do Perú que dizem riquíssimo.

— Mas a tia tirou informações, sabe quem é?

— Qual! a Chucha não quer nada disso; diz que essas minúcias complicam tudo. Consta que o homem é divorciado, talvez mesmo, bígamo; quem sabe?

— Oh Cecília, que horror...

— A Chucha aceita isso tudo quase com cinismo!

Entraram depressa no carro e foram a casa almoçar. Quando voltaram para o cais já o Niassa estava ancorado; e no deck viram os seus queridos viajantes, radiantes, risonhos, à espera de poder desembarcar.

Domingas encostava-se ternamente ao marido, um rapaz moreno e magro, que inspirava simpatia; Rodrigo, com o seu ar grave, só olhava para Francisca Teresa, parecendo envolvê-la apaixonadamente...

. . . .

E o que tinha que acontecer, aconteceu.

Francisca Teresa deixou-se comover por aquele amor tão fiel, tão profundo, tão nobre, de Rodrigo; e casaram na Basílica da Estrela.

A muita amizade que sempre unira Francisca Teresa a Rodrigo transformara-se num verdadeiro amor: ambos se adoravam mutuamente, compreendendo-se em absoluto.

E enquanto a Creche de Jesus Menino, como uma bênção do Céu, ia desenvolvendo a sua acção benéfica nas crianças da Freguesia, sob a direcção inteligente de Francisca Teresa e da boa Cecília, que à obra se dedicava de alma e coração, o admirável trabalho de Rodrigo colocara-o numa situação excepcional, vivendo na maior felicidade aquele casal.

E dentro dalguns meses viria um bébé aumentar essa felicidade.

A Chucha, depois de um casamento civil que enchera a prima de vergonha, partira para o Perú, sentindo-se feliz por possuir aquilo que para o seu feitio egoísta constituía o melhor bem — a riqueza!

E Manuel, o alegre e simpático Manuel, revelara à família o seu ideal, até ali misteriosamente escondido no seu coração: queria ser padre!

Os pais, a princípio, zangaram-se, cheios de incompreensão.

— Um filho padre é um filho morto! — chorava a mãe.

— Morto para tudo o que é desprezível: vivo para a vida da alma! — respondera ele com força

— Você sabe lá o que é ser padre! — gritava Jorge, que sonhara para o filho altas situações sociais, em que brilhasse como político. — E' sacrificar tudo o que a vida tem de bom.

— É repelir tudo o que a vida tem de baixo! E sinto, meu Pai, que hei-de ser um bom padre — teimara Manuel — Não me cortem a carreira que escolhi e que é o único e verdadeiro ideal da minha vida!

Os pais, perante a sinceridade do seu entusiasmo, calaram-se.

E, acabado o liceu, Manuel entrou, radiante, no Seminário dos Olivais.

FIM

FERIAS DO NATAL

Em casa de Lourdes

— Lourdes! O irmão da Lourdes batia à porta do quarto para acordar a irmã. Trazia no braço uma gravata e um corte de fato.

— Lourdes, posso entrar?

Respondeu-lhe uma voz ensonada do lado de dentro:

— Abra!

O João entrou.

— Que cheiro! Como podes dormir com estas flores no quarto?

Foi direito à janela e abriu-a de par em par.

— Se eu tivesse os nervos do menino, batia em mim mesma... disse ela, espreguiçando-se. Depois, esfregou os olhos e sentou-se na cama. O que é isso que trazes aí?

— Vê bem!

João, encantado por vir mostrar à irmã o seu presente do Natal, sentou-se na beira da cama e, com um agradável e franco sorriso, desdobrou o corte de fazenda inglesa grossa e comentou, pondo-lhe a gravata em cima:

— Diz bem, anh? E' lindo! Deve ter sido a Mãe quem ontem à noite me pôs isto sôbre a mesa do quarto.

— A fazenda é engraçada... e a Lourdes acrescentou com desdem: a gravata feissima. Se fosse minha iria trocá-la.

— Um presente dos Pais?! Eu não faço isso! João sentiu uma impressão desagradável

— E's obrigado a fazer colecções de mau gôsto?

João abriu um pouco o roupão, pôs a gravata à roda do pescoço e deu-lhe um nó em frente do espelho.

— E' mesmo bem bonita, gosto do azul! Meteu a mão no bolso, tirou de lá a cigarreira e preguntou à irmã se podia fumar.

— A mim é que preguntas? Devias mas era pedir à Mãe. Cruzou os braços sôbre o peito e declarou: Se eu fosse o menino, já há que tempos fumaria diante da mãe e do pai! E's um hesitante! Com dezanove anos ainda andas às ordens do papá e da mamã!

Que voz desagradavel tinha a Lourdes, pensou o João de si para si. Mas o João era doido pelos pais e pela irmã. Realmente, já podia ter pedido licença para fumar. Porque não?

— Aproveitarei logo, depois de jantar para falar nisso. Hoje vem a família toda e o pai não me recusará. E ficou alegre com a perspectiva. — Qual será o teu presente Lourdes? A mãe perguntou alguma coisa?

— Não me preguntaram nada, é-me indiferente!

Os lábios do João entreabriram-se, porem ficou calado. Pegou no corte de fato e na gravata, abriu a porta e saiu.

A Lourdes tocou para o pequeno almoço.

A creada apareceu daí a nada com o tabuleirinho.

— Boas Festas, menina Lourdes!

— Trazes chocolate? Porque não veiu a Carlota?

— A Carlota, menina? Está muito triste. Sabe lá! O pai mandou-lhe dizer que partiu um pé quando ia...

— Que importância tem isso? Se partiu um pé ainda tem o outro. Não é razão para ela não fazer o serviço que lhe compete. Diz-lhe que me venha arranjar o banho.

A Carlota quase no mesmo instante veio dizer que chamavam a menina Lourdes ao telefone.

— Quem é?

— E' uma menina do liceu chamada Ermelinda...

— Diga-lhe que não estou, sai!

— Eu já lhe disse que a menina estava!

— Ah sim? Pois então manda-a passear até ver se me encontra...

Lourdes deitou fora da cama primeiro um pé, depois o outro, e pôs-se a olhá-los e a mover as articulações. Se aos seus ricos pèsinhos acontecesse aquilo que aconteceu ao pai da Carlota!? Ui! Calçou-os em duas patufas muito peludas e enfiou o robe.

Fechou a janela, experimentou o radiador e resolveu dar escova nos seus cabelos pretos e fofos deante do espelho. Que olhos negros, profundos!

O espelho reproduzia a expressão bela, mas dura, do seu rosto. O queixo ligeiramente agudo e a testa pequena.

A porta do quarto abriu-se e Lourdes viu reflectir-se no mesmo espelho um rosto parecido com o seu.

— Entra pai! Disse ela senhorialmente.

— Bom dia princesa! Então até esta hora sem se lembrar de nos dar as Boas Festas?

— Julguei os ainda a dormir! Quem se deitou às quatro da manhã!

— Ainda estás amuada? Pois quê, o sono não te tirou o azedume? Tu não vês que não podia ser! Uma garota de quinze anos ir ao *revéillon* do Estoril!? O que diriam as outras pessoas?

Lourdes soltou uma risada e continuou a escovar o cabelo.

— E' sempre o medo das outras pessoas! Se tu achavas que eu podia ir que te importavam as outras pessoas?

— Eu não *achava*, o que tive foi pena de te deixar. Se teu irmão ao menos tivesse querido ir, vocês dois fariam grupo àparte. Mas tu sòsinha, metida entre casais, todos para cima de trinta anos, francamente seria ridiculo!

— Então para que me mandaram fazer o vestido de baile?

— Não falemos mais nisso, fica para a outra vez!

Lourdes sentiu uma espécie de estremecimento de revolta, mas no seu rosto sereno não transpareceu a mínima contracção. Pensou no irmão de quem havia de tomar avantajada desforra.

— Está frio, não está? perguntou o pai, enterrando-se no «maeple». — Venha cá, minha menina bonita, sente-se aqui ao pé de mim e tome lá o meu presente!

O pai tirou do bolso uma caixinha de ourives.

Com voz glacial a Lourdes disse um «muito obrigado» áspero, e pegou no estojo. Dir-se-ia que as pestanas lhe estremeceram quando o brilhante do anel dardejou sôbre elas o seu rápido reflexo.

— Então, lindo, anh? Qual é a menina que se pode gabar de ter no dia de Natal uma jóia destas?

O olhar de Lourdes deslisou sobre o estojo, corou levemente, tornou a fechar a caixinha e foi pô-la sobre o toucador.

— Experimenta no dedo para ver se te serve! exclamou o pai um pouco irritado.

— Não vale a pena. Se não tenho idade para ir a bailes, tambem não tenho para usar um brilhante tão grande.

O pai então gritou com ela, sinceramente mal disposto mas, deante da fria impassibilidade da filha, a voz foi-se-lhe tornando menos alta até que quebrou como o mar no rochedo.

— Esse teu feitio, Lourdes! Julguei que aprendesses a ser menos orgulhosa no liceu e adquirisses uma preparação melhor para a vida. E' verdade que somos bastante ricos e o dinheiro é grande factor. Sim, somos bastante ricos, contudo é bom saber. A miss Anderson diz que não tens vocação para a costura nem para a cosinha. Deves aproveitar o que te ensinam na Mocidade... Bem! Hoje é dia de Natal tratemos de não contrariar a minha filha! Diga ao seu Pai: se não gosta do anel, vamos amanhã trocá-lo, está dito.

— Tu bem sabes que o que eu te pedi não foi um anel de brilhantes, disse Lourdes, deitando ao pai um olhar de astúcia, enquanto trincava entre os seus dentes afiados um pedacito de choc late.

— Sempre as mesmas ideias fixas, pequena! Como e onde queres tu que eu desencante o anel de brazão? Casa-te com um conde, com um visconde, com um duque e não peças ao pai aquilo que ele justamente não te pode dar!

— Não podes dar-me? Não há tanta gente que usa brazão sem ser por direito? Para que te serve o dinheiro? Se tu não mo deres, te-lo-hei!

A pessoa que eu mais detesto no liceu é a Maria Antónia Noronha porque tem brazão, tem familia titular, pôem-se todos de cócoras defronte dela e por detrás, quando falam da sua bondade natural. Então ela faz luxo de se dar com as mais pobretanas do liceu para exemplo de fraternidade! Ah! Ah!

A Lourdes sacudia a vistosa cabeleira.

O pai tambem ria:

— Os fidalgos ainda hoje têm a mania de ter bobos por sua conta!

— Detesto-a, pai! Se soubesses! Quero ter brazão para o mostrar, a ela e às outras. Há-de vir cá a casa, hei-de mostrar-lhe com que luxo devem viver os fidalgos.

Sùbitamente a Lourdes choramingou enraivecida:

— Se tu continuas a imaginar que não me podes comprar um brazão...

— Veremos, veremos!

— Prometes, pai?

Ele acenou afirmativamente com a cabeça e começou a assobiar uma marchinha brasileira.

— Ando com esta música desde ontem metida no ouvido.

— E' formidavel. Ela veiu por detraz da cadeira onde o pai estava sentado e passou-lhe os braços pelo pescoço. Poz-se a escutar...

— E' formidavel, deve ser óptima para dansar!

— Onde queres ir hoje? A mãi não pode sair. Logo à noite tem jantar para vinte pessoas...

— Para que servem a cosinheira, a aju-

(CONTINUA NA PÁG. 18)

Velhas Arcas

Em quase todas as famílias existem arcas e malas antigas onde se conservam preciosidades ou ninharias, que gostamos sempre de rever, porque delas se evola o perfume do passado, que essas velhas coisas tem o condão de evocar.

Arcas de casas nobres, onde se arrecadam rendas verdadeiras e vestidos de seda como já não existem!

E onde se descobrem retratos e flores secas, recordações de viagens e presentes que são relíquias.

Arcas que são cofres de tesouros, pelo valor dos objectos que guardam, e, sobretudo, pelo valor estimatório que eles têm.

Mas não é só nos solares que se encontram estas velharias que despertam a nossa curiosidade e nos enternecem.

Tambem nas casas modestas, onde não há valiosas arcas que mereçam estar nas salas, existem toscas arcas antigas e «malas escuras» que exercem sobre nós a mesma sedução.

Quem é que passando as férias numa velha casa de família não tem gozado o prazer de passar revista a essas antiguidades dum passado a que ainda pertencemos pelas nossas saudades ou estamos presos pela tradição?

E quem é que não gosta de ir arrecadando tambem lembranças a que se tem apêgo, e que um dia hão-de evocar a imagem desaparecida, e talvez até desconhecida duma velha tia, duma doce avó, ou de não se sabe quem!

Fernanda de Castro escreveu uns versos muito interessantes sobre este assunto; deixemo-la, então, a ela, falar-nos com emoção dos encantos de

AQUELA MALA ESCURA

Aquela mala escura,
que eu não trocara por nenhum império,
era mais que o Mistério,
— era a Aventura...

Fôra de meus avós,
tinha um ventre enigmático, profundo,
e até chegar a nós
andara a correr o mundo.

Em diligências velhas,
rolara sôbre estradas sem asfalto...
Vira terras vermelhas
e ceus de azul cobalto.

No bojo dum porão,
(era então minha mãe quase menina)
fora até ao Japão
e à Cochinchina,

Andara com meus tios
em viagem de núpcias, pela Itália,
e sôbre maus navios
vogara até à Austrália.

Fora às Ilhas Baleares,
A Ceilão, a Sumatra, às Antilhas,
e trouxera dos mares
o perfume das Ilhas.

Aquela mala escura,
que eu não trocara por nenhum império,
tinha dentro o Mistério,
o Segrêdo, a Aventura:

Uma velha, velhíssima gravura:
— Júpiter aos pés de Leda —
Uma colcha de seda,
de franjas desbotadas,
que foi das bem casadas
da família,
côr de tília,
e bordada a matiz.
Uma sobrepeliz,
dum venerando eclesiástico,
que usou botas de elástico,
e, no entanto,
foi quase, quase santo...
Um leque de varetas de marfim...
(a um canto do setim
ainda se lê
um verso de Musset...)
Aigrettes, marabús e colibris,
e um chapeu de Paris
com plumas de avestruz.
Uma pequena cruz
benta no Vaticano
sabe Deus em que ano...
E, sob uma redoma,
medalhinhas de Roma...
Uma Bíblia, um rosário,
um milagroso escapulário
e dois velhos missais...
Fieiras de corais,
aljôfares e minas
e duas turmalinas
cuja história romântica eu não conto.
Em talagarça, escrita ponto a ponto,
uma história do mestre La Fontaine
bordada por não sei que prima Irene
há noventa e seis anos, em Leiria.
Entre as folhas dum livro de poesia
do suave Bulhão Pato,
um desbotado, pueril retrato
e uma folhinha de hera
evocando não sei que primavera:
«Domingo, dez de Maio».
Sôbre um assustador punhal malaio
uma boa de plumas côr de rosa
e, não sei como, um livro de Spinosa.
Pássaros, borboletas,
um ramo de violetas,
um quimono de geisha,
uma loira madeixa,
...e os primeiros brinquedos que eu [parti...
...e os primeiros sapatos que eu rompi...

. . . .

Aquela mala escura,
que eu não trocara por nenhum império,
era mais que o mistério,
— era a Aventura...

Que encanto esta velha renda!

Como me fica bem a touquinha! E que lindo vestido de noiva se faria com esta renda...

Donde teria vindo esta boneca!

Fotos: MARTINEZ POZAL

MODAS

Otília passará as suas férias numas termas.

1

Saia de flanela de lã branca (ou creme, rosa, azul pálido etc.) casaco de malha da mesma côr; blusa branca.

2

Vestido de tarde às riscas castanho e branco em algodão, linho ou seda (consoante as posses). Muito elegante e próprio para uma rapariga distinta como Otília.

3

A saia e a blusa que Otília usará de manhã. A blusa foi um aproveitamento. Otília sabe ser económica e faz ela mesma quase todas as suas coisas. É uma das raparigas mais distintas das termas, em parte devido à sobriedade e simplicidade com que se veste.

4 e 5

Para todas o casaco amplo e curto de grande moda êste ano, tão prático e económico. Para fazer os casacos direitos poderemos aproveitar os velhos casacos acanhados. Para os casacos feitos em viés teremos que comprar a fazenda.

Noivas

Vejo-te, Paula, muito preocupada com o govêrno da tua futura casa e pedes-me então ideias e receitas, para a época actual. Dizes bem. — A arte de bem viver consiste em nos adaptarmos às dificuldades e às épocas e não em remar contra a corrente.

Uma boa dona de casa bem organizada encontrará tempo para tudo desde que se disponha a ter: horas, método e ordem.

Não é pequeno o trabalho da dona de casa, e a princípio, por falta de experiência perde-se muito tempo, quer no destinar dos trabalhos que nem sempre ficam logo na boa ordem e sequência, quer no destinar e cozinhar das refeições. Mas isso não se poderá de todo evitar, pois cada casa e cada família são um caso àparte, tendo cada uma de nós, portanto, de aprender à sua custa no decorrer de meses qual a melhor maneira de organizar e administrar o seu lar.

Outro grave problema são os pratos a apresentar. E' óbvio que uma boa mesa é a grande mola para a boa disposição da família. Todos, velhos e novos apreciam os bons pratos, bem feitos, saborosos e bem apresentados. Mas hoje que nunca sabemos com que géneros contamos, o govêrno da casa torna-se uma verdadeira arte.

Hoje, Paula, muitas donas de casa dariam explêndidos ministros da Economia.

Não te deves amedrontar no entanto com as dificuldades do teu princípio de vida, elas servirão para te dar em pouco tempo uma sábia experiência que de outra forma não terias senão ao fim de longos anos.

M. B.

Cebolitas

Para acompanhar carne assada, galinha còrada ou simplesmente arroz branco.

Cortem-se as cebolas grandes às rodas e com o dedo carregue-se ao meio para que se separem aos círculos. Ponham-se num prato fundo com sal, pimenta e um pouco de leite. Deixam-se estar umas 2 horas e voltam-se de quando em quando para apanharem todas leite.

Faça-se um polme de farinha, água, sal e uma gema e junte-se-lhe a clara batida em castelo e o leite onde estavam as cebolas. Ponha-se ao lume azeite bem quente e fritem-se as cebolas depois de passadas no polme.

O polme deve não ser muito espesso. As rodelas ficam riginhas. E' muito bom.

Empadinhas

Para aproveitar rèstinhos de carne ou de peixe. Com restos de carne ou de peixe faz-se um picado ou um creme, refogando uma cebolinha, deitando o peixe ou carne e acrescentando depois de apurado um pouco de caldo ou de leite, salsa, pimenta, sal e um pouco de farinha para engrossar.

Ponha numa tijela:
1 chávena rasa de farinha
1 chávena de leite
1 colhér de sopa de manteiga derretida
1 ovo, sal, pimenta, fermento inglês.

Desfaz-se a farinha com o leite; deita-se a gema, a manteiga derretida, o sal, pimenta, e uma ponta de faca de fermento em pó. Bate-se tudo um pouco até ligar bem. Untam-se as forminhas pequenas com manteiga e salpicam-se de farinha. Feito isto acrescente à massa a clara do ovo batida em castelo e ligue tudo.

Deite nas forminhas um pouco de massa deixando vazia a altura de um dedo. Deite então dentro uma colherinha de creme de peixe ou de picado o que acabará de encher as formas quase completamente.

Vai ao forno esperto e em 10 minutos está pronto.

Aloiram-se e crescem muito. Devem ficar leves como bolos.

Servem-se quentes numa travessa coberta com um naperon ou guardanapo. Podem acompanhar, em prato separado, com salada de alface ou agriões.

Polmes de Peixe

Para aproveitar restos de peixe cozido, assado ou frito.

Excelente com bacalhau cozido.

Ponha numa tigela: por cada ovo 2 colheres de farinha de trigo. Bata bem as gemas com a farinha e água que se deita a ôlho, tendo que ficar o polme líquido e corredio. Deite sal e pimenta. Acrescente as claras batidas em castelo. Bata muito bem e veja a espessura do polme levantando a colher de pau. Se está muito grosso acrescente uma pinga de água. O polme embora espesso tem que correr. Não deve ficar uma papa rija. Deite dentro os restos de peixe ou bacalhau limpos de peles e espinhas e cortados aos bocadinhos.

Ponha azeite ou oleo ao lume e em estando quente comece a deitar colheres de sopa desse polme. Fritam-se. Devem crescer e ficar fôfos; com 3 ovos já dá muitos polmes. Estes fritos não gastam muito azeite e são muito bons. Servem-se indiferentemente a acompanhar açorda, arroz ou qualquer salada. Sirva bem quente.

COLABORAÇAO DAS FILIADAS

VELHICE

Nos seus cabelos brancos e na cara enrugada, podia-se bem ver que os oitenta haviam passado há pouco, sôbre aquele velhinho trémulo e simpático.

A morte não o assustava; na outra, na eterna vida, Deus havia de o recompensar, pois se ele só praticara o bem cá nesta terra!...

Gostava de se sentar, ali, naquele banquinho, à beira da estrada que dava para o mar, para o «seu» mar, recordando as manhãs em que, cheio de vida e saude, chefiava um dos mais belos barcos de pesca que existiam naquela praiazinha humilde e limpa.

Entardecia, entardecia tão docemente como ele envelhecera!... O sol desaparecia nas brandas águas.

Era esta a melhor hora para sonhar, recordando a mocidade que se fôra para nunca mais voltar!

E ele gostava de rever-se, naqueles moços que haviam seguido a sua profissão, a melhor de todas!

Boa vida fora a sua! Muitas vezes a arriscara em luta com o mar, mas que importava?! Era preciso vencer, e vencera!

O mar, oh! o seu mar! quanto valia para ele! Preferia a morte, à cegueira que não lhe permitisse vê-lo!

Era ele o seu melhor companheiro, alem duns olhos claros de velhinha, que o esperavam sempre, quando voltava do seu passeio de recordações. Ela tambem fôra nova, e com que coragem lhe dava força, quando ele se sentia a desanimar!

Revia um dia em que o temporal fizera o barco encalhar num rochedo, bastante longe da praia, e a ansiedade com que tinham empregado os seus melhores esforços; mas, tudo fôra em vão, o vento e a chuva não queriam parar, e só um milagre os salvaria!

Ajoelharam então, e rezaram, rezaram muito, ignorando que, a essa mesma hora, na praia, as mulheres e as crianças pediam por eles a Nossa Senhora! E o milagre dera-se, tinham voltado sãos e salvos daquela tormenta!

Mas tudo passara, e há quanto tempo!...

Agora, naquela tarde clara, os olhos do bom velhinho humedeceram-se, ao contemplar, ao mesmo tempo que o passado, o maravilhoso quadro do entardecer!

O sol desaparecera completamente, mas deixara, a iluminar a terra, uma claridade dourada; o mar, em doces vagas, vinha lamber os rochedos da praia; e o seu cântico embalador, sob um pálido manto azul claro, fizera com que, pela primeira vez, as lágrimas assomassem aos olhos do bom pescador velhinho!

Chorava... chorava de saudade, pois os seus tempos não mais voltariam, e nunca mais a sua voz poderia ser forte e clara, para gritar, como os pescadores gritavam lá em baixo, na praia, puxando um velho barco que voltara carregado de peixe de mocidade e de alegria, — Ala, Ala, Ala Arriba!!!

Maria Leonor Costa Guimarães

Filiada 208-36, Centro 77, Ala 2

ESTREMADURA

ISTO É PARA TI!

— E para ti, rapariga da Mocidade Portuguesa que eu escrevo estas linhas.

Para ti, que gozas agora as tuas férias grandes.

Terminaram as aulas, e os nossos corações juvenis vibram de alegria.

Eis as Férias. As Férias. Palavra ideal que alvoroça o coração de todas nós.

Com que alegria vemos chegar esta quadra do ano tão anciosamente esperada, não tanto pela prespectiva de 3 meses de repouso, mas sim pela alegria de nos vermos reunidas à nossa família.

E eis que decorreu mais um ano lectivo. Há quantos dias não vês os teus. Com que ansiedade desejas abraçar teus pais, teus irmãos...

O Rápido parece-te vagaroso como nunca a paisagem maravilhosa que os teus olhos não se cansam de ver com dislumbramento não consegue prender-te a atenção. Mas vôa rápido o teu pesamento fazendo o balanço do teu último periodo.

— As tuas notas foram boas? O teu esforço foi recompensado? Não te orgulhes disso. Agradece antes a Deus que se dignou abençoar os teus esforços.

As tuas notas foram fracas? Não te aflijas. Voltarás com mais ardor, com mais entusiasmo, plena de confiança, certa que vencerás com a ajuda d'Aquele que por ti, fez da Sua vida um sublime poema de amor...

As tuas notas poderiam ter sido melhores? Nada de desfalecimentos. No próximo ano tu saberás provar que se enganaram a teu respeito, e quando o não consigas confia em DEUS que tão bem te sabe compreender e tão bem te sabe avaliar. Talvez tu, ignorada e humilde entre as tuas companheiras, sejas aquela que o Seu coração enche de graças.

Talvez a Seus divinos olhos tu sejas a maior dentre as mais sábias.

Estudastes, tens a consciência do teu dever cumprido; e no meio de tanto trabalho não esqueceste o teu Jesus.

Quem sabe quantas almas receberam o fogo de apostolado da Mocidade Portuguesa!

Mereces pois a recompensa. Podes descançar as tuas Férias.

Ester dos Anjos Magalhães d'Oliveira

Filiada do Centro n.º 2 — Bragança

CAMARADAGEM

(Continuação da pág. 14)

dante de cosinha e a criada de mesa? A mãe ainda se preocupa com o jantar?

— Dize lá onde queres ir hoje à tarde? insistiu o pai.

— Ao cinema.

— Bem! Vai perguntar ao João, se ele quere ir, para eu marcar os lugares.

— Ah! o João veiu mostrar-me os presentes.

— Satisfeito como um rato, não?

— Nem por isso! Achou felissima a gravata; e o fato assim, assim... Queria por força ir trocá-la. Tive imenso trabalho para o convencer de que o presente dos pais não se troca.

— Ele vai ouvir-me, grande melro!

Ao pai apetecia-lhe gritar já com aquele grandissimo fingido. Então a Lourdes abrandou-o. Pedia ao pai por favor para não lhe dizer nada. Ela convencera o irmão e aquela ideia já lhe tinha passado. Logo à noite o pai podia castigá-lo doutro modo. Ela sabia que o João, aproveitando o jantar de família, iria pedir-lhe licença para fumar? Castigasse-o então nessa altura. Não era melhor?

O pai concordou. Era realmente melhor para não se mostrar despeitado diante do criançola e concluiu:

— E's muito sensata, Lourdes! Dá cá um beijo. E o prometido é devido: tratarei com interesse do teu pedido, entretanto, se não gostas daquele anel, iremos trocá-lo amanhã como combinámos...

A Lourdes respirou fundo. Tremiam-lhe os lábios mas, dominando-se, tomou coragem:

— O anel... para que o havemos de trocar? Seria um mau exemplo para mim própria. Os presentes dos pais não se devem trocar! Eu afirmei isso ao João ainda há bocado!......

(Continua)

Maria Amélia Fonseca